

# REVISTA REDAÇÃO

25/01/2015 - Ed. 02



## O mundo **capitalista** e alienação do nosso tempo

O sistema capitalista transformou o trabalhador num verdadeiro escravo do tempo, sem ter condições de lazer ou, em muitos casos, de receber um salário digno e proporcional a suas horas de dedicação no emprego.



*Lucas Rocha*



**Existe democracia  
nos meio de  
comunicação?**



**Camarotização: por que  
o brasileiro gosta tanto  
de segregar o espaço?**

## O tempo nosso de cada dia roubado (YAGO EUZÉBIO PAIVA)



**O sistema capitalista transformou o trabalhador num verdadeiro escravo do tempo, sem ter condições de lazer ou, em muitos casos, de receber um salário digno e proporcional a suas horas de dedicação no emprego**

**O TEMPO** não é um senhor tão bonito assim, como na música de Caetano Veloso, pelo menos para os trabalhadores. Tempo curto para o sono. Tempo longo para chegar ao trabalho. Tempo monótono dentro da fábrica. Tempo marcado pelo relógio, cumprimento de meta. Tempo curto do salário. Tempo roubado do lazer. O tempo futuro que a morte não dá tempo de ver. Tempo é dinheiro. Tempo encarnado, que desencarna o corpo moído e espremido na falta de tempo diária.

Karl Marx, em sua análise mefistofáustica do capitalismo, avalia a besta a partir de sua célula básica, que é a mercadoria. Baixando Aristóteles, dispara: todo objeto que possui ao mesmo tempo valor de uso e valor de troca. De produção artesanal, até o século XVII, à industrial, na segunda metade do século XVIII, a

mercadoria refez o tempo da roça. O supermercado venceu a horta. A cidade, com suas entranhas de asfalto, abriu os portões de suas fábricas no enclausuramento do tempo operário. A rua substituiu a casa, com suas relações informais. O sentimento dá lugar ao contrato.

Nessa viagem alucinada, do rural ao urbano, a sociedade passa por uma profunda reestruturação. Um mundo admirável e, ao mesmo tempo, trágico desce à Terra. Para falar como Hegel, a civilização dá um salto dialético e o espírito absoluto se torna concreto. A Inglaterra se transforma na vedete do teatro capitalista. Reinaugura a vida e os homens se dividem em múltiplas funções. Função burguesa e função proletária. **O capital** e o trabalho se entrelaçam, misturam-se, deixando o céu cinza do carvão, a riqueza para ser concentrada e a miséria para ser dividida.

**O capital** » *Das Kapital*, em alemão, ou *O capital*, é um conjunto de livros de Karl Marx, que faz uma crítica contundente da economia política do capitalismo. Lançado o primeiro livro em 1867, ainda hoje é considerado o marco do pensamento socialista marxista. A obra expõe vários conceitos econômicos completos, como mais-valia, capital constante e capital variável, análise sobre o salário, sobre a acumulação primitiva, em resumo, aborda todos os aspectos do modo de produção capitalista.

Uma nova corrida ao ouro metamorfoseado em papel pintado. A exploração, agora, não é mais do subsolo, mas, também, do trabalhador. Esse pequeno produtor rural, destruído em sua impossibilidade de concorrer com a fábrica, transforma-se em mão de obra barata e congestionada os subúrbios enfeitados de cortiços. Marx viu essa cena quando chega em Londres, por volta dos meados trabados anos 60 do século XIX. Daí sua obsessão em estudar a estrutura de funcionamento do capitalismo para entender quais as engrenagens do sistema que permitem tanta desigualdade na distribuição das riquezas.

No seu estudo, Marx chega à constatação que a finalidade última da produção de mercadoria é extração de mais-valia. Mais-valia é o roubo do tempo de trabalho do operário. É a usurpação do trabalho pela variante tempo. E existem dois tipos: a absoluta e a relativa. A mais-valia absoluta ocorre quando aumenta a jornada de trabalho, sem aumentar, proporcionalmente, o salário. A mais-valia relativa é quando a tecnologia substitui mão de obra, ou seja, menos pessoas produzem mais.



**A sociedade passou por profundas mudanças, onde capital e trabalho se entrelaçaram, deixando a riqueza para ser concentrada e a miséria para ser dividida**

A jornada de trabalho, relatada no capítulo oito de O capital, revela a exploração absurda a que os trabalhadores estavam submetidos. Crianças trabalhando em minas de carvão – tempo da infância roubado. Moças morrendo, depois de trabalharem três dias e três noites consecutivas em confecções. Ambiente de trabalho insalubre, mutilações, problemas psicológicos, em suma, a saúde dançada. Dezesesseis horas de trabalho. O corpo por um fio. Famílias desestruturadas, casas apinhadas de gente. Faltam higiene, saneamento e perspectiva de prosperidade. O tempo operário marcava encontro com sua miséria existencial.

**No seu estudo, Marx chega à constatação de que a finalidade última da produção de mercadoria é extração de maisvalia. Mais-valia é o roubo do tempo de trabalho do operário. É a usurpação do trabalho pela variante tempo. E existem dois tipos: a absoluta e a relativa. A maisvalia absoluta ocorre quando aumenta a jornada de trabalho, sem aumentar, proporcionalmente, o salário. A mais-valia relativa é quando a tecnologia substitui mão de obra, ou seja, menos pessoas produzem mais**

### **Organizações**

É nesse contexto que surgem as organizações sindicais. As primeiras lutas foram pelo estabelecimento de uma jornada de trabalho de dez horas e a proibição da contratação de crianças com menos de dez anos pelas fábricas. O que estava na balança era a luta pela sobrevivência. Aqui, ainda não existia a preocupação com a qualidade do trabalho e com a saúde. O importante era manter, minimamente, o corpo em funcionamento. Tempo a menos na fábrica, tempo a mais de vida. A contagem temporal do relógio de ponto, sincronizando com a contagem do relógio biológico. Detalhe: o tempo da fábrica ditava as normas do tempo fora dela.

O **taylorismo**, com sua organização científica do trabalho, sua rigidez de funções, individualizou os trabalhadores na linha de produção. Produção fragmentada, as funções cronometradas. A separação do trabalho intelectual e do manual. A perda completa de autonomia e controle do próprio trabalho. O trabalhador se transforma em uma máquina programada para execução de uma só tarefa. O trabalho maçante, acompanhado pela depreciação do tempo, e a preocupação constante de não ficar doente. O tempo da doença não era um direito nessa época.

**Taylorismo** » O conceito de taylorismo é uma concepção de produção, baseada em um método científico de organização do trabalho. Foi elaborado pelo engenheiro norte-americano Frederick W. Taylor (1856-1915) e exposto, em 1911, na publicação da obra Os princípios da administração. A partir dessa concepção, a atividade industrial foi fragmentada, pois cada trabalhador passou a exercer uma função específica no sistema industrial. A organização foi hierarquizada e sistematizada e o tempo de produção passou a ser cronometrado.

Para se proteger dessa destruição, segundo Christopher Dejours, o trabalhador vale-se da ideologia defensiva. Ideologia defensiva é um mecanismo, que anda de mãos dadas ao sentimento coletivo da vergonha. Em meio à miséria operária, estar doente não pega bem. Sinônimo de vagabundagem, corpo mole, esconde-se o sofrimento e a doença até o limite possível. Doença significa tempo longe da fábrica e isso afeta o bolso do operário. O tempo da cura era o tempo de voltar o ânimo. Força para sair da cama e paciência para aguentar o trampo. Era preciso se defender até da doença, escamoteando-a para manter a sobrevivência.



**O pequeno produtor rural foi destruído em sua impossibilidade de concorrer com a fábrica, transformando-se em mão de obra barata**

Outro mecanismo de defesa, utilizado para abrir frestas no tempo massificado com momentos lúdicos, era a vadiagem, combatida ferrenhamente pelo taylorismo: "A vadiagem foi assim denunciada como perda de tempo, de produção e de dinheiro. O que Taylor condena, este vício da classe trabalhadora, é, talvez, outra coisa bem diferente. Nós tentaremos mostrar que, além de uma simples freada na produção, este tempo, aparentemente morto, é, na realidade, uma etapa do trabalho, durante a qual agem operações de regulação do binômio homem-trabalho, destinadas a assegurar a continuidade da tarefa e a proteção da vida mental do trabalhador" (DEJOURS, 1992, p. 37).

O mesmo autor salienta que a repetição das tarefas era tão grande que, mesmo quando fora da fábrica, os trabalhadores cronometravam todos os seus atos. A rotina fabril dominava a rotina caseira. Rompia-se, então, a separação que existia no mundo burguês entre a casa e a rua. Assim, o tempo do ócio em substituição ao negócio era roubado. As dores, os problemas cardiovasculares e de postura, o alcoolismo eram uma constante.

**As primeiras lutas foram pelo estabelecimento de uma jornada de trabalho de dez horas e a proibição da contratação de crianças com menos de dez anos pelas fábricas. O que estava na balança era a luta pela sobrevivência. Aqui, ainda não existia a preocupação com a qualidade do trabalho e com a saúde. O importante era manter, minimamente, o corpo em funcionamento. Tempo a menos na fábrica, tempo a mais de vida**

### **Mudanças**

Esse panorama altera-se com a Primeira Guerra Mundial onde, por força do recrutamento para o campo de batalha, as fábricas veem-se contingenciadas no tocante à mão de obra. Tornou-se necessário pensar no bem-estar do trabalhador, afinal não era fácil sua reposição. Inicia o movimento em defesa da saúde do trabalhador, que fora negligenciada, em razão da necessidade de sobrevivência do operário. O Estado passa a ter um papel ativo na regulamentação do trabalho com a criação de leis trabalhistas e a implantação da medicina do trabalho. A qualidade do trabalho desponta no horizonte das discussões acerca da organização do trabalho na fábrica.

As fábricas passam por alterações físicas para atender as novas exigências de melhoria nas condições de trabalho. Dejours (1992, p. 25) fala que: "Por condição de trabalho é preciso entender, antes de tudo, ambiente físico (temperatura, pressão, barulho, vibração, irradiação, altitude etc.), ambiente químico (produtos manipulados, vapores e gases tóxicos, poeiras, fumaças etc.), o ambiente biológico (vírus, bactérias, parasitas, fungos), as condições de higiene, de segurança, e as características antropométricas do posto de trabalho". Precisou que uma guerra fizesse com que o número de trabalhadores disponíveis caísse para que essa reflexão se tornasse pauta de discussões nos meios empresariais e políticos.



**O capital denuncia a exploração absurda que os trabalhadores estavam submetidas, inclusive com crianças trabalhando em minas de carvão**

"Com o domínio dos meios de comunicação de massa (videoesfera), a televisão invadiu todos os lugares, o bar, o motel, o restaurante, o avião, o ônibus, o táxi, o hospital, o cemitério. A sensibilidade ao ruído converteu-se em um passaporte à loucura ou à condenação a uma existência a-social [...]" (VASCONCELLOS, 2013, p. 142).

Outro aspecto significativo: a constante relação dos trabalhadores com o sofrimento. O sofrimento é gerado quando o pêndulo insatisfação/desejo pende para o primeiro. É duro lidar com o prazer sempre adiado. Uma das causas da depressão, oriunda da insatisfação com o trabalho, é o fato de que o trabalhador tem pouquíssima liberdade para improvisar e se libertar das amarras do que lhe foi preestabelecido. O tempo no trabalho que não serve para atingir as aspirações pessoais. Fica o sentimento de inutilidade. Finda a motivação, sucumbe o desejo. Trabalho sem significação. Tempo desperdiçado. Moinho de gastar sonhos. O homem forçando ao limite o seu trágico desinteresse. Não há aparelho psíquico que segura essa barra pesadíssima. Para completar o quadro, as horas fora da fábrica não aliviam o sentimento de fracasso.

Com o desenvolvimento do capitalismo, uma previsão de Marx falhou: a de que a fábrica seria o lugar que abrigaria a maioria dos trabalhadores. O setor da economia que mais utiliza a força de trabalho é o setor de serviços. Esses trabalhadores estão nos escritórios, consultórios, em salas com ar-condicionado etc. Convenhamos que, do ponto de vista físico, o esforço é muito menor do que aqueles que estão no chão das fábricas, nas linhas de produção. Entretanto, esses trabalhadores não estão imunes às pressões do tempo, pelo contrário, se o físico não é muito exigido, o psicológico não deixa de sofrer danos.



## Relevância

O problema não é a pressão, sofremos pressão a todo instante em nossas vidas. A questão é que está cada vez mais difícil recarregar nossas energias. O lazer, o descanso, o happy hour estão se tornando um prolongamento do trabalho. A mais-valia não ocorre, somente, dentro das empresas, o roubo do tempo acontece, também, com a mais-valia ideológica, segundo o pensador venezuelano Ludovico Silva. Há uma homologia entre exploração material e exploração simbólica. O tempo todo o trabalhador é exposto à lógica da produção de mercadoria. É dessa forma que o capitalismo nos aprisiona, tornando-nos servos em uma sociedade sem amos.

Marx já havia sinalizado sobre a importância dos meios de comunicação na fixação da visão de mundo burguesa na sociedade. Imagino se o sociólogo alemão tivesse presenciado a incrível penetração que o rádio e a TV têm na vida das pessoas. Uma análise marxista da mais-valia, da alienação e do lazer do proletário tem que, necessariamente, abarcar uma teoria da comunicação, diz com toda razão Ludovico Silva. É certa a afirmação de que a ideologia é produtora da consciência social da organização societária capitalista.

Engels dizia que essa consciência gerada pela burguesia e transmitida para a sociedade é uma falsa consciência. Ela é falsa por esconder sua verdadeira função: manter a dominação de classe. É difícil perceber que essa consciência é sempre determinada por alguma coisa exterior a ela. Essa é uma constatação de Freud, que Ludovico usa para discorrer sobre seu conceito de mais-valia ideológica.

Mais-valia ideológica é: "O produto necessário da alienação ideológica. A mente do homem, tal como chega a configurá-la o capitalismo mediante suas armas de comunicação diária, está repleta de valores de troca: a força do trabalho espiritual se mercantilizou, se fez mercadoria; e o homem médio do capitalismo não vê, em sua força espiritual de trabalho, um valor de uso, mas um valor de troca" (SILVA, 2013, p. 164).

**O homem passa o dia no trabalho insatisfeito e, em casa, assiste TV. Os meios de comunicação de massa se transformaram em indústrias ideológicas**

**O problema não é a pressão – sofremos pressão a todo instante em nossas vidas. A questão é que está cada vez mais difícil recarregar nossas energias. O lazer, o descanso, o happy hour estão se tornando um prolongamento do trabalho. A mais-valia não ocorre, somente, dentro das empresas, o roubo do tempo acontece, também, com a mais-valia ideológica, segundo o pensador venezuelano Ludovico Silva**

Deve-se chamar atenção para um fato: não são, somente, os meios de comunicação os responsáveis pela disseminação da mais-valia ideológica. As igrejas, sindicatos, escolas, empresas, ONGs, enfim, aquilo que **Antonio Gramsci** define como aparelhos privados de hegemonia, também são vetores de transmissão ideológica. É um bombardeio diário em cima do trabalhador. A principal luta a ser travada nesse ambiente é a luta pedagógica. Somente uma consciência revolucionária pode libertar-nos desse labirinto. Ser revolucionário é denunciar todo o aparato cultural em que vivemos. A nossa própria descolonização mental é uma das tarefas mais difíceis que somos chamados a realizar.

**Antonio Gramsci** » Natural de Ales, ilha da Sardenha, na Itália, Antonio Gramsci (1891-1937) trabalhou, como jornalista, em publicações de esquerda. Militou em comissões de fábricas e ajudou a fundar o Partido Comunista Italiano, em 1921. Conheceu a mulher Julia Schucht, em Moscou, para onde foi enviado como representante da Internacional Comunista. Em 1926, foi preso pelo regime fascista de Benito Mussolini. Cumpriu dez anos, morrendo em uma clínica de Roma, em 1937. A obra de Gramsci inspirou o eurocomunismo e teve grande influência no Brasil nos anos de 1970 e 1980.

Mas se a ideologia é produtora da consciência social, por qual caminho ela entra na mente dos homens? Uma primeira pista para responder à pergunta: a mais-valia ideológica é uma construção simbólica, que está embaixo das aparências, portanto ela se move em estado latente na consciência dos indivíduos. Daí, sua silenciosa presença na mente das pessoas, dando a falsa sensação de uma plena consciência. Esse falseamento da consciência dá a impressão dela se autodeterminar.

Freud, quando faz a radiografia do aparelho psíquico, divide o inconsciente em duas partes: o inconsciente latente e o inconsciente reprimido. O primeiro, que Ludovico Silva denomina pré-consciente, pode atingir a consciência, porque o superego não representa um dique às suas manifestações. Ainda é capaz de chegar à consciência. Já o inconsciente reprimido é incapaz de atingir a consciência por conta própria, sendo necessária a intervenção psicanalítica para que ele se revele em seus significados e mistérios. Os elementos do inconsciente reprimido estão ocultos, enquanto os do pré-consciente estão amalgamados às representações verbais.



**O lazer na sociedade é um dos indicadores do grau de desenvolvimento social e da qualidade de vida das pessoas**

### **Mitologia**

A ideologia, como um conjunto de representações verbais e audiovisuais, cria os significados que alimentam o pré-consciente. De modo que a ideologia é uma força oculta, permanecendo em estado de latência, dando a falsa certeza de uma consciência autônoma. Nesse processo enganoso o capitalismo se apresenta como a única verdade a ser posta em prática. É uma escravidão inconsciente ao sistema, com todo o requinte de crueldade, que advém desse engano. A mais-valia ideológica, ainda segundo Ludovico Silva, extrai energia psíquica do homem. O homem se sente capaz, por meio do seu esforço e trabalho, de satisfazer todas as suas necessidades, quando, na verdade, não é ele que cria as suas necessidades, mas vai a reboque das necessidades que o capitalismo cria para ele.

Numa manobra espetacularmente benfeita, o capitalismo faz surgir a mitologia da competência, salientada por Gilberto Felisberto Vasconcellos. Essa mitologia está calcada na individualização das ações do homem, em sua busca do sucesso profissional. Uma consequência disso é a badalação em cima do conhecimento de empreendedor. O empreendedor é uma pessoa que sonha, estipula metas e elabora os caminhos para a execução de suas aspirações. É um homem que pratica, diuturnamente, ou, pelo menos, essa é a intenção, a ação social racional em relação a um fim. Todas as tarefas são, minuciosamente, planejadas para a consecução do seu objetivo final. Nada contra, entretanto, quando focalizamos o sucesso ou o fracasso no desempenho individual e esquecemos que o indivíduo depende, em grande parte, da estrutura social que vive, não levamos em conta que a sociedade pode ser um empecilho à realização de nossos sonhos. Sem Sociologia no horizonte do candidato a empreendedor não me espantaria, daqui alguns anos, presenciarmos uma geração de pessoas depressivas, se culpando por não ter conseguido ser um homem de sucesso.

“[...] A vivência depressiva condensa de alguma maneira os sentimentos de indignidade, de inutilidade e de desqualificação, ampliando-os. Esta depressão é dominada pelo cansaço. [...] Executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportadas como um jogo de motivação e do desejo. A vivência depressiva alimenta-se da sensação de adormecimento intelectual, de anquilose mental, de paralisia da imaginação e marca o triunfo do condicionamento ao comportamento produtivo” (DEJOURS, 1992, p. 49).

Seja competente, tenha sucesso, vença. Mas o que é ter sucesso? O que é ser vencedor? O que é ter competência? A excessiva divulgação dessas palavras faz com que elas tenham uma significação padronizada associada com as conquistas, que só o capitalismo pode dar. E o capitalismo se apropria dessa força para aumentar a produção de mercadoria. Nessa trilha, claro que ocorrem ganhos e, em muitos casos, exorbitantes, mas é inegável que o indivíduo não consegue se desvencilhar do emaranhado de exigência que o sucesso coloca a ele. E isso é tão disseminado que, na ponta do processo, o trabalhador se vê embevecido com a possibilidade de se tornar um bacana.

**Seja competente, tenha sucesso, vença. Mas o que é ter sucesso? O que é ser vencedor? O que é ter competência? A excessiva divulgação dessas palavras faz com que elas tenham uma significação padronizada associada com as conquistas, que só o capitalismo pode dar. E o capitalismo se apropria dessa força para aumentar a produção de mercadoria**

O cara passa o dia inteiro no trabalho, insatisfeito, volta para casa, não vai querer abrir um livro nem tergiversar sobre o processo de exploração em que vive. Liga a TV e acha que está descansando. Os meios de comunicação de massa se transformaram em verdadeiras indústrias ideológicas. “[...] A indústria ideológica explora o homem naquilo que é especificamente seu: a consciência. E o explora colocando sob essa consciência uma ideologia que não é a desse homem, mas a do capitalismo, e que, por isso, produz uma alienação (ideológica). A mais-valia ideológica é, assim, dada pelo grau de adesão inconsciente de cada homem ao capitalismo. Esse grau de adesão é, realmente, um excedente de seu trabalho espiritual: é uma porção de seu trabalho espiritual, que deixa de lhe pertencer e que passa a engrossar o capital ideológico do capitalismo, cuja finalidade não é outra que preservar as relações de produção materiais, que originam o capital material [...]” (SILVA, 2013, p. 188).

No afã de atingir tal intento, uma legião de intelectuais midiáticos é escalada para a obra de divulgação das “verdades eternas e incontestáveis”, ditadas pelo mercado. Sociedade pensada por meio de slogans criados em agências de publicidade. Imagens e pensamentos transformados em valores de troca. E para completar o quadro, essa indústria ideológica faz surgir indivíduos, que recebem esses conteúdos de forma passiva. O âncora de telejornal faz a dialética para nós. O tempo fora da empresa, que deveria ser um tempo total, um tempo livre, um tempo qualitativo para o desenvolvimento da criatividade e das potencialidades do homem, vai para o ralo. O que ocorre é que: “[...] A energia psíquica permanece concentrada nas múltiplas mensagens que o sistema distribui; permanecemos atados à ideologia capitalista e se trata de um tempo de nossa jornada, que não é indiferente à produção capitalista, mas ao contrário: é utilizado como tempo ótimo para o condicionamento ideológico [...]” (SILVA, 2013, p. 203).

Não é por acaso o aumento do consumo de barbitúricos. A sociedade tarja preta. É impressionante como aumenta o número de farmácias em nossos centros urbanos, o que é uma contradição, já que estamos numa era de obsessão pela saúde. Alimentação saudável, combate ao cigarro, ao álcool, proliferação de academias, seria de se esperar que, com uma vida mais saudável, as pessoas precisassem menos de farmácias. A preocupação estética e o cuidado alucinado com o corpo representam a face da indústria da beleza. Mais uma prova de que não é o homem que cria suas necessidades no capitalismo, mas, sim, o inverso. Ser bonito, fino, chique, rico e sarado. Nosso tempo de lazer, submetido às exigências do consumo e dos padrões de relacionamento entre homens e mulheres.



**A preocupação estética representa a face da indústria da beleza. Mais uma prova de que não é o homem que cria suas necessidades, mas, sim, o capitalismo**

“Na vivência dos trabalhadores, a inadaptação entre as necessidades provenientes da estrutura mental e o conteúdo ergonômico da tarefa traduz-se por uma insatisfação ou por um sofrimento, ou até mesmo por um estado de ansiedade raramente traduzido em palavras, raramente precisada, raramente explicitada pelo trabalhador” (DEJOURS, 1992, p. 59-60).



**A poranduba é uma prática dos índios brasileiros, na qual eles se reúnem no final de tarde e narravam os feitos do dia, com conversas, brincadeiras e lazer**

### **Poranduba**

Falar de tempo na sociedade me fez lembrar uma prática muito interessante entre os índios no Brasil. A prática a que me refiro é a poranduba indígena. Poranduba, do tupi pora'nduwa: notícia, narração, pergunta. Final de tarde, os índios reuniam-se na aldeia e, de cócoras, narravam os feitos do dia. Período, também, da conversa amena, das brincadeiras e do lazer. Era o happy hour em Pindorama, nos longínquos anos 1500. Impossível não comparar com os momentos de descanso do ser humano, que são tão ou mais importantes do que as horas dispensadas ao trabalho e que, inclusive, contribuem para a compreensão das sociedades.

A poranduba indígena tem o seu equivalente na bagaceira. Alívio aos escravos, depois de horas ininterruptas de trabalho atroz, nas lavouras de cana-de-açúcar, no Nordeste do século XVII. Pequenos instantes de alegria, do fumo de rolo, dos batuques, das danças, da comunhão com os orixás e do despertar da saudade da África distante, mas retida e sentida na memória. Melancolia. Banzo. Dando uma sapeada em nossa literatura é fácil constatar que a bagaceira entronizou mais no imaginário brasileiro do que a poranduba. Esse fato é explicável, pois a miscigenação e o sensualismo cultural de nossa grei têm início no Nordeste açucareiro. A índia não rebojava nem tinha a habilidade das mãos negras para o preparo das comidas. Há uma relação estreita entre fagos e eros. Estômago e amor. Se Hitler tivesse comido feijoada não teríamos a Segunda Guerra Mundial. Comemos mal, porque o tempo do almoço está cada vez mais curto.

A poranduba era uma prática diária coletiva fundamental, que reforçava os vínculos societários e o sentimento de pertencimento à aldeia. Trocas saudáveis de informações. Ajuda mútua, companheirismo e a certeza da continuidade da solidariedade, num mundo marcado pela harmonia do Homem com a natureza. Mas vai o aviso: não se trata aqui de fetichizar a vida indígena. Não é isso! O que importa é colocar uma lupa numa prática e numa modalidade de relacionamento, que têm se tornado raridade nos dias de hoje.

A poranduba faz falta ao ser humano. O lazer na sociedade é um dos indicadores do grau de desenvolvimento social e da qualidade de vida das pessoas. Falta- -nos esse saudável hábito da preguiça. Focamos, apenas, no trabalho, esquecendo que existem outras dimensões da existência, que devem coabitar com as obrigações e responsabilidades cotidianas. Conversamos muito pouco e não nos damos conta da falta que isso faz.

No princípio era o verbo. A cura na Psicanálise vem por meio da fala, de modo que a boca é o órgão criador de tudo. Segundo nosso folclore, existem três coisas que não voltam atrás: a bala, a flecha e a palavra. Que o tempo livre seja sempre bem em nossas vidas e que possamos transformar o ócio num parlatório criativo, para o nosso desenvolvimento permanente.

“Ou seja, já não se gera mais-valia apenas mediante a energia física, mas também – com maior intensidade a cada dia – mediante energia mental. Essa energia mental não deve ser entendida, evidentemente, como a que pode gastar a tecnocracia da ‘racionalidade’ capitalista (no sentido de Baran); mas também, e principalmente, a que qualquer indivíduo médio que viva na crença, especificamente ideológica, de que o mundo é ‘essencialmente’ um mercado, gasta diariamente no capitalismo. Em sua estrutura instintiva, diria Marcuse, está instalado um freio poderoso contra todo impulso por destruir a concepção de mundo como mercado ou, dito mais simplesmente, a colaborar na revolução contra o capitalismo [...]” (SILVA, 2013, p. 2000).

## Referências

DEJOURS , C. *A loucura do trabalho – estudo de psicopatologia do trabalho*. Tradução: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5a ed. São Paulo: Cortez, 1992, 168 p. MAR X, K. *O capital*. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. 31a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, v. 1. SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. Tradução: Maria Sílvia Possas. São Paulo, Abril, 1982, 168 p. (Os Economistas). SILVA, L. *Mais-valia ideológica*. Tradução: Maria Ceci Araujo Misoczky. Florianópolis: Insular, 2013, 207 p. VASCO NCELLOS , G. F. *Nossa vida de cada dia entre o supermercado e a farmácia*. Juiz de Fora: UFJF, 2013, 147 p.

**YAGO EUZÉBIO PAIVA** é sociólogo e mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora, professor de Sociologia, Antropologia e Metodologia de Pesquisa da FAI – Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação de Santa Rita do Sapucaí (MG) e autor do livro *Sociologia Pau Brasil*, pela Editora Multifoco. E-mail: [yeuzebio@gmail.com](mailto:yeuzebio@gmail.com). **Revista SOCIOLOGIA**, Janeiro de 2015.

## Democracia nos meios de comunicação? (CLÓVIS BARROS FILHO)



**É COM** muita tristeza que escutei apresentadores de rádio e televisão, lacaios das famílias que detêm o monopólio da mídia, condenando a presidente Dilma Rousseff quando ela propôs o Marco Regulatório dos Meios de Comunicação no seu segundo mandato. Afinal, todo estudante de comunicação que frequentou as aulas, e não os bares, sabe que a mídia no Brasil foi organizada para atender os generais e os empresários desonestos que os apoiavam. Também sabe que a imprensa livre, antes de 1964, foi fechada, que muitos donos de jornal e jornalistas foram mortos, e que as atuais empresas de comunicação pertencem ao monopólio de meia dúzia de famílias que apoiaram a ditadura militar.

Em maio de 2014, a Relatoria Especial para a Liberdade de Expressão da América Latina, uma comissão especial da Organização dos Estados Americanos (OEA), com sede nos Estados Unidos, condenou a ausência de um marco regulatório no Brasil e apontou os problemas sociais e políticos que o monopólio das empresas de rádio e televisão produziram nos últimos cinquenta anos. A Associação Brasileira dos Jornalistas (ABJ) tem denunciado as manipulações e as censuras impostas pelos donos dos meios de comunicação e há mais de trinta anos cobra do poder executivo e legislativo a regulação e a democratização da imprensa.

Porém, a elite proíbe qualquer tipo de debate público sobre o assunto na mídia ou no Congresso. Taxam os defensores de uma revisão das leis de meios de comunicação absurdos como "bolivarianos", "comunistas" e "ditadores". Paradoxalmente, somos a única democracia do mundo que não regula e socializa a produção da informação - o que tecnicamente nos torna uma democracia fragilizada.

As ondas Hertz de rádio e televisão utilizam uma frequência em nossa atmosfera para transmitir seus sinais de comunicação. Como a atmosfera é uma propriedade social limitada, que não pode ser cercada ou distribuída para todos, ela constitui um bem público administrado pelo Estado em qualquer lugar do planeta. Cada sociedade estipula as regras básicas de concessão das bandas de transmissão para as empresas de comunicação, recebendo em contrapartida um pagamento pelo uso deste recurso. No Brasil, estas faixas de frequência de rádio e televisão foram dadas para as poucas famílias que juraram lealdade aos golpistas civis e militares há quase cinquenta anos. Estas famílias reivindicam a posse irrevogável e hereditária destas frequências, além de pagar uma quantia irrisória pelo seu uso.

Até hoje é preciso pedir autorização para deputados, ministros e para o presidente para poder transmitir ondas de rádio e televisão. Os atuais donos destas mídias se recusam a ceder suas frequências, nem se comprometem a prestar serviços relevantes para a sociedade. Com o Marco Regulatório, as faixas de frequência de rádio e televisão serão, a cada dez anos, leiloadas para os empresários que se dispuserem a pagar mais pela frequência. Essa medida garante maior liberdade para organizações sociais e empresariais terem seu espaço de comunicação sem precisar corromper políticos, garantindo pluralidade de mídias e um retorno social considerável em termos financeiros e de produção de conteúdo que atenda às necessidades regionais.

Outro problema ainda mais grave é a distribuição da mídia impressa em nosso país. Em teoria, qualquer pessoa pode criar um jornal ou revista e vendê-lo. Porém, na prática, isso não ocorre, pois somente um grupo familiar detém 100% das distribuições de jornais e revistas em todas as bancas do país<sup>1</sup>. Somos a única democracia do mundo que permite o monopólio de oferta e comercialização de impressos. Ironicamente, as revistas que pertencem ao grupo editorial que mantêm esse monopólio classificam as tentativas de regulamentação de "políticas ditatoriais".

<sup>1</sup> A Treelog S/A é a única empresa do Brasil responsável por distribuir jornais, revistas e livros para as bancas. Ela é de propriedade da família Civita, dona do Grupo Abril Editorial.

Há ainda uma lista imensa de outros motivos para que todos os cidadãos apoiem os congressistas e a presidente da República na árdua tarefa de aprovar o Marco Regulatório dos Meios de Comunicação. Temos que brigar pelo fim do clientelismo político-midiático criado pela ditadura, pela democratização do uso dos meios de comunicação de massa, pelo fim das oligarquias e monopólios na imprensa e por critérios transparentes e justos na oferta de frequências de rádio e televisão. Não podemos mais aceitar estes fantasmas do passado que ainda ameaçam a democracia.

Como professor de Ética na Comunicação, peço para os meus colegas e ex-alunos que trabalham em revistas, rádios e na televisão que parem de reproduzir as mentiras relacionando a regulamentação à "ditadura" e à "censura". Tomem consciência e tenham culhão para enfrentar seus patrões. Apoiem publicamente, no rádio e na televisão, a criação do Marco Regulatório. A história te aplaude, a democracia agradece.

---

**CLÓVIS DE BARROS FILHO** é professor de Ética da ECA/USP e conferencista do Espaço Ética ([www.espacoetica.com.br](http://www.espacoetica.com.br)).  
**Revista FILOSOFIA, Janeiro de 2015.**

## **Jesus era Deus? (LUIZ FELIPE PONDÉ)**

**JESUS** era Deus? Claro, esta é uma pergunta que só interessa a cristãos. Mas nem tanto. Para qualquer estudioso do cristianismo, importa saber como um jovem, que morreu humilhado numa distante província do império romano, chegou a ser visto como Deus por alguns poucos judeus na época e por muitos gregos, romanos e outros povos da região.

O livro "Como Jesus se Tornou Deus" (editora LeYa, R\$ 49,90, 544 págs.), de Bart Ehrman, explica esse processo. Especialista em Novo Testamento e história do cristianismo primitivo, Ehrman é professor de estudos religiosos na Universidade da Carolina do Norte. Um "scholar", pois. Seu livro (o autor tem vários sobre o tema) tem outra grande qualidade, além de ser escrito por um cara que entende do traçado. "Como Jesus se Tornou Deus" é gostoso de ler e não serve apenas como objeto de culto para iniciados. Qualquer pessoa que aprecie o tema e tenha o hábito da leitura vai aprender muito e se deleitar com ele.

Ehrman parece ter preocupação semelhante à do filósofo judeu alemão Franz Rosenzweig (1886-1929): falar com o homem comum. Rosenzweig abandonou a academia por entender que ela mais atrapalhava a busca de respostas urgentes sobre os temas importantes (para ele, crítica da metafísica e o estudo do judaísmo) do que ajudava. Ehrman não chega a tanto. Eu também acho que não é necessário abandonar a academia, mesmo porque ela tem um papel essencial no estabelecimento de repertório qualificado sobre qualquer assunto.

O livro de Ehrman é rico em referências históricas precisas, articuladas numa linguagem aberta e divertida. Uma pérola para quem gosta de aprender sem o peso dos textos truncados. Por que seria mais fácil entender que gregos e romanos tenham chegado à conclusão de que Jesus era Deus do que entender que judeus (os primeiros seguidores de Jesus eram judeus, seguramente) tenham chegado à conclusão de que Jesus era Deus? Porque os "pagãos" tinham inúmeros deuses e deusas e semideuses e semideusas. Portanto, uma "rede" de divindades povoava seu panteão.

Jesus foi visto por muitos dos seus seguidores como o Messias, que raramente foi entendido como Deus no judaísmo. Para a mente judaica, ver Deus na forma de um homem parecia um tanto absurdo. Verdade? Nem tanto, mostra Ehrman. Além do fato de que a Bíblia Hebraica (o Velho Testamento) traz inúmeras referências a Deus na forma de anjos (que mais parecem homens muitas vezes), a passagem de Jesus humano para Jesus Deus tem etapas essenciais em que "Deus", aí,

deve ser entendido, antes de tudo, como "um deus". Os judeus eram monoteístas, mas nem tanto. Já a figura do "Filho do Homem", um "semideus" que sentaria ao lado de Deus e faria seu trabalho apocalíptico, era muito comum, inclusive na literatura cristã da época. O universo judaico antigo carregava em si toda uma gama de figuras semidivinas, abaixo de Adonai (o Deus único).

O primeiro momento desse processo é como a teia de semideuses (como o "Filho do Homem") e anjos judaicos preparou a divinização do Jesus histórico: Ele foi, muito provavelmente num primeiro momento, associado a uma dessas figuras semidivinas do panteão judaico. E, só posteriormente, chegou ao topo da lista para alguns, se transformando no Deus de Israel encarnado - mesmo assim, não para todos. O Messias, na sua forma mais comum, deveria ser um guerreiro. Jesus, para aqueles que esperavam um guerreiro, foi um fracasso: morreu na cruz como um bandido miserável. A obra não se ocupa de nenhum aspecto de fé, apenas do processo histórico que levou à divinização de Jesus. Tampouco das reviravoltas doutrinárias para fazer de Cristo um Messias do amor total.

Portanto, outra face desse processo é como a ressurreição de Jesus foi importante para resolver o fracasso do seu movimento apocalíptico. Sem a ressurreição, Ele, provavelmente, teria sido esquecido, como outros candidatos a Messias ao longo da história judaica. Enfim, o estudo histórico das religiões pode fazer de você um cético. É o caso de Ehrman, como ele mesmo confessa. Mas nem só de fé vive o homem.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## **Não sou Charlie nem Chérif nem Saïd (LUIZ CARLOS BARRETO)**

**PODEMOS** pôr em risco a segurança e a vida de outras pessoas em nome da liberdade de expressão e do livre pensar? A liberdade de opinião e o direito de expressá-la são uma conquista social, não apenas um direito individual para servir aos interesses e ao narcisismo de pessoas ou de grupos. Portanto o livre exercício do direito de opinar, criticar, caricaturar e denunciar exige reflexão, responsabilidade e ética.

Os talentosos desenhistas e chargistas do jornal satírico "Charlie Hebdo" mergulharam fundo naquilo que abraçaram como missão: criticar, caricaturar e satirizar os poderes político, econômico, religioso e social. Como os mergulhadores que ultrapassam os limites, foram tomados pelo delírio das profundezas. Desafiaram a minoria extremista e fanática do islamismo.

A sátira focando personagens e situações do cotidiano francês e internacional tornou-se a marca do sucesso do "Charlie Hebdo". Mas o sucesso sempre tem bônus e ônus. Algumas "vítimas" do "Charlie", entre elas líderes políticos, religiosos e celebridades, reagiram com processos judiciais e ameaças. A Redação do semanário chegou a sofrer um incêndio criminoso em 2011. Mesmo diante dessa situação ameaçadora, a turma do "Charlie" não baixou o nível do seu poder de fogo satírico, em uma demonstração de uma coragem suicida, como definiu o ex-primeiro-ministro francês Dominique de Villepin, em artigo no "Le Monde" em 8 de janeiro.

Agora os dados estão sobre a mesa: o Estado, o governo, o povo francês e até a União Europeia estão na incômoda e obrigatória situação de responder a um ato de barbárie causado pela irrefletida troca da sátira pelo insulto e pelo desrespeito à fé e à crença de grupos minoritários de radicais fanáticos, que fazem uma leitura errada do Alcorão. Neste momento, passada a comoção que o episódio trágico nos causou, chegou a hora da reflexão e da discussão sobre o tema da liberdade de expressão, questão basilar para o Estado democrático de Direito.

Não podemos transformar a liberdade de expressão em um dogma, pois os dogmas são antidemocráticos e geram autoritarismo e posições extremistas. Aliás, na Europa e nos EUA, essa discussão está em curso, e seria muito saudável que nós, brasileiros, iniciássemos essa reflexão que tanto nos faz falta. Outras reflexões mais profundas devem ser feitas e a mais transcendente de todas diz respeito à forma de convivência entre as culturas ocidental e oriental. São duas estruturas de pensamento, hábito, costumes, idiomas, religiosidade, crenças e sistemas políticos. São concepções e estilos de vida diferentes e que começaram a se revelar um para o outro, com o auxílio dos meios de comunicação de massa.

É preciso que nós, ocidentais, façamos uma revisão dos nossos conceitos e do nosso modo de relacionamento com os povos da banda oriental do planeta. Vamos nos despir da roupagem de colonizadores que sempre se relacionaram pela dominação, pelo subjugo e humilhação dos povos colonizados. O Brasil tem muito a contribuir com seu exemplo de democracia racial, que foi muito além da mestiçagem, produzindo um amálgama que, no dizer de Darcy Ribeiro, vai resultar em um novo modelo civilizatório para a humanidade.

---

**LUIZ CARLOS BARRETO**, 86, é produtor de cinema e realizou mais de 80 filmes. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## Sucesso a qualquer preço (MARCELO COELHO)

**VOU-ME** convencendo de que torcer nunca é bom negócio. A Copa do Mundo derrotou minhas últimas certezas, e não serei eu quem se envolverá agora com a disputa pelo Oscar. De todo modo, já saí perdendo. Dos filmes a que assisti, meu favorito era "O Abutre", de Dan Gilroy, com um Jake Gyllenhaal que seria candidatíssimo ao prêmio de melhor ator - se o tivessem indicado.

O máximo de insensibilidade moral se alia a uma tocante ingenuidade na personagem de Lou Bloom, um cinegrafista especializado em registrar acidentes e agonias para um noticiário televisivo sensacionalista. Gyllenhall consegue despertar, ao mesmo tempo, simpatia e repulsa no espectador a cada momento do filme. Por um lado, o cinegrafista expressa um puro desejo de aprender, sofrendo a rejeição de "abutres" mais experientes na tarefa de farejar qualquer indício de crime ou de tragédia. Por outro, ele funciona como um autômato - um pouco como o personagem de Peter Sellers em "Muito Além do Jardim" (1979) -, aplicando com muito método, e nenhuma consciência, os preceitos que absorveu num site de aconselhamento empresarial.

Como contratar um ajudante? Como negociar preços com seu fornecedor? Como avaliar propostas de negócio apresentadas por um concorrente? Lou Bloom age de modo perfeito - se se entender o sucesso como medida da perfeição - em cada um desses desafios. O grande feito de "O Abutre" é combinar muita emoção hollywoodiana - com belas perseguições de carro e altos riscos de tiroteio - com uma dura crítica, não diria nem do jornalismo sensacionalista, mas da ideia de ascensão profissional. Sucesso a qualquer preço: provavelmente esse é o tema básico de nove entre dez filmes de Hollywood. Em "O Abutre", predomina o desencanto: vencer profissionalmente exige o sacrifício de qualquer valor.

Em "Whiplash", outro bom filme em cartaz, a moral parece ser oposta. O verdadeiro valor do aspirante a baterista vivido por Miles Teller não se medirá pelo seu talento ou por sua sensibilidade (ainda que isso pudesse ser, em tese, importante para um músico de jazz). Entregue ao regime sádico de seu professor (um inesquecível J. K. Simmons), o jovem músico será testado, acima de tudo, na pura capacidade de sobrevivência psicológica. O filme traz muita diversão para quem gosta de ver sangue correr -em especial quando isso não se dá literalmente.

A graça de tudo aumenta na medida em que somos incapazes, afinal, de perceber qualquer coisa errada na performance dos alunos ""cada vez mais aterrorizados - do incontentável maestro. Ele esbraveja, tortura, espezinha, estapeia: o baterista não está no andamento certo. Como conseguiríamos saber? O garoto tenta novamente, o martírio dura horas, nada percebemos de concreto - a não ser, naturalmente, a disposição do aluno para o sacrifício, para a resistência, para o ascetismo. Na ascese está a chave da vitória. Mas não se trata de obediência, de submissão. Para que tudo fique mesmo empolgante, o oprimido terá de vingar-se. Num concerto decisivo, dá-se a luta implacável entre professor e aluno; espetacularmente filmada, e com uma ainda mais espetacular trilha sonora, vale o filme todo.

Impressionou-me menos o terceiro filme dessa leva de produções sobre o sucesso e fracasso. "Birdman", de Alejandro González Iñárritu, complica-se, e parece não saber a hora de terminar, conforme alterna um plano realista com outro mais alegórico. Seja como for, novamente o que se vê é o drama de quem entrega toda a sua vida na expectativa de uma realização profissional consagrada. É comum citar o clássico de Max Weber, "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", para apontar a suposta incompatibilidade da nossa cultura católica (indígena? africana?) com a busca operosa do lucro. Um aspecto menos lembrado do livro, todavia, é o que diz respeito ao conceito protestante de "vocação". Para Weber, criou-se um evento novo na cultura ocidental quando Lutero formulou a ideia de que cumprir bem um dever profissional equivale a servir a Deus.

O método, a ascese, a intolerância para com relaxamentos nessa tarefa viriam a ser introduzidos pelo calvinismo. Como fazer desse tema uma matéria de entretenimento? Este é um dos segredos de Hollywood, em seus inúmeros filmes de luta e de sucesso. "O Abutre" chega perto de desmascarar essa "ética" - mas, não sei se por isso mesmo, ficou fora da disputa.

---

**MARCELO COELHO** é articulista da Folha de S.Paulo desde 1984. Fez mestrado em Sociologia pela USP e publicou, entre outros livros, 'Gosto se Discute' (Ática, 1994), 'Jantando com Melvin' ([ficção] Imago, 1998) e 'Montaigne' (série Folha Explica, Publifolha, 2002). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## Vergonha nacional (ARNALDO NISKIER)

**ESTAMOS** vivendo em nosso país tempos sombrios em matéria de qualidade do ensino, especialmente se considerarmos a educação pública. Os resultados do Enem são catastróficos. Houve uma queda de 7,3% no desempenho médio em matemática. Na redação foi pior ainda: 9,7%. Vamos caminhando para o fundo do poço.

Dos 5,9 milhões de candidatos, 529 mil tiraram nota zero na redação sobre publicidade infantil. Ou seja, são estudantes que concluíram o ensino médio, sabe-se lá Deus como, mas padecem dos males do analfabetismo funcional. São incapazes de raciocínios elementares. O que esperar dessa geração? Quando em um universo de quase 6 milhões de alunos só 250 tiraram a nota máxima (mil) na indispensável redação, pode-se inferir que estamos diante de uma fase caótica, a exigir providências que não podem mais tardar. Só o discurso bonito não produz efeitos práticos.

O argumento de que houve um suave aumento nas notas em ciências humanas, ciências da natureza e linguagens não convence. Na média, de um ano para o outro, houve uma diminuição de 1% na nota geral. É com esse quadro que vamos

oferecer competentes recursos humanos para ampliar o atendimento ao ensino superior? Todos dizem que poderíamos estar com 10 milhões de universitários (temos 7 milhões), mas de que vale crescer o número com pessoas literalmente incompetentes? A análise do fenômeno da redação enseja curiosas observações. Metade dos que tiraram zero receberam essa nota porque houve fuga do tema. Ou seja, embromação. Cerca de 13 mil copiaram o texto motivador e ainda houve 955 que ofenderam direitos humanos. Não se pode culpar a escolha do tema pelo resultado, pois se os alunos tivessem sido bem preparados com uma boa base de leitura, isso não teria ocorrido.

Em uma conversa de horas com o ex-ministro da Fazenda Ernane Galvêas, um profundo conhecedor do nosso vernáculo, ouvimos também críticas ao enunciado das questões. Foi taxativo: "Nem eu, com a minha experiência, seria capaz de responder a todas as perguntas sobre língua portuguesa. Fiquei abismado com a falta de objetividade. Aliás, fiquei abismado também com a mania da pegadinha, que empolgou os examinadores". Como se vê, há problemas em todas as frentes. A educação básica cresceu em números, é certo, mas não corresponde às expectativas no que tange à qualidade. Enquanto se discute o sexo dos anjos, os resultados concretos estão aí, diante de todos, mostrando que há um longo caminho a ser percorrido.

O curioso é que, em todo esse processo, pouco se fala na formação e no aperfeiçoamento dos professores. Temos quase 3 milhões deles no Brasil inteiro, mas é sabido que a qualidade do que se ministra nos cursos de magistério deixa muito a desejar. Para acabar com essa vergonha, só uma ampla reforma.

---

**ARNALDO NISKIER**, 79, doutor em educação, é membro da Academia Brasileira de Letras e presidente do CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola) no Rio de Janeiro. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## O que me ofende (CONTARDO CALLIGARIS)

**DOMINGO** passado, nas páginas da "Ilustríssima", houve um debate (imperdível) entre Slavoj Žižek e João Pereira Coutinho. Žižek começou bem, mas terminou repetindo uma das mais persistentes trivialidades culturais dos últimos dois séculos: o Ocidente é hoje decadente, faltam-lhe valores --por isso, ele só poderia ser salvo por uma nova esquerda radical, animada por ideais fundamentais.

Que cansaço. Não precisamos de fundamentalismo, novo ou antigo que seja. Ao contrário: nossa grandeza está na capacidade (recém e mal conquistada ainda) de conviver sem dramas e sem mentiras com a tragédia humana, que é a falta efetiva de fundamentos. Não há verdades absolutas, não há sentido da história, nem significado da existência: viva-se (dignamente) com esse silêncio.

As religiões, aliás, poderiam ser definidas assim, como os dramas e melodramas fundamentalistas inspirados pela condição trágica de não termos fundamentos. Inspirado pelo espírito de "Charlie Hebdo", lembro-me que cresci numa época em que não existiam jeans, e a flanela do pós-guerra não era grande coisa. A gente crescia rápido e as calças duravam pouco; mesmo assim, era preciso trocar regularmente o cavalo ou fundo das calças. Em italiano, o cavalo se chama "fondello". "Fondello" se confundia, para mim, com "fondamento", preparando meu futuro psicanalítico, pelo qual fundamento é o lugar onde a gente se senta, entre a zona do sexo e a das funções corporais menos nobres.

Enfim, por sorte, João Pereira Coutinho respondeu a Žižek: o que Žižek enxerga como nossa "fraqueza" é nossa força. Não é preciso injetar um novo fundamentalismo no Ocidente. Ao contrário, é preciso esperar que os fundamentalismos que sobram passem por uma crise comparável àquela que produziu a cultura moderna, a nossa. Que crise foi essa? Fala-se de liberdade de expressão como se fosse a mesma coisa que a liberdade de consciência. Prefiro fazer uma diferença.

A liberdade de expressão é um direito político pelo qual é possível lutar, mesmo que o preço seja alto. Já a liberdade de consciência é mais difícil de ser conquistada. Ou seja, os censores podem cortar sua cabeça, mas essa questão só surge se você faz um uso autônomo da mesma. Os fundamentalismos podem inibir a liberdade de expressão, mas sua grande esperança é controlar a liberdade das consciências - fazer que todos pensem igual. A conquista da modernidade ocidental não é tanto a liberdade de expressão quanto a liberdade da consciência. Na cristandade, isso aconteceu mesmo com a Reforma protestante, quando os cristãos começaram a pensar que talvez eles pudessem dialogar livremente com Deus, em seu foro íntimo, sem a mediação da Igreja.

Enfim, a modernidade não é cômoda: para ela, a própria ausência de fundamentos (substituídos pelos "fondelli" de minha infância) é o supremo valor positivo. Claro, os fundamentalismos preferem considerar que essa ausência de fundamentos seja uma fraqueza moral, uma degenerescência que não merece o respeito de ninguém. Errado: ela é o grande valor positivo moderno. O papa Francisco disse, na semana passada, que "não se pode provocar, não se pode insultar a fé dos outros". Concordo, mas achei que ele estava de brincadeira.

Não vou me deter na época em que os papas queimavam vivas, em Campo dei Fiori, as pessoas que pensavam que talvez Deus fosse um pouco diferente do que reza o catecismo. Não vou me deter nisso, embora seja um hábito cuja lembrança me ofende um pouco. Mas vamos aos nossos tempos. Tive sorte, encontrei salesianos, jesuítas e dominicanos cuja amizade ainda me honra. Mas, no conjunto, durante a educação religiosa de minha infância, fui ofendido por inverdades, primariedades, estupidez moral e pensamentos sem dignidade teológica.

Me ofende que uma adúltera seja apedrejada ou que, na baboseira do sermão de domingo, um divorciado seja excomungado ou um gay considerado doente. Me ofende que pessoas, a cada dia, sejam perseguidas e trucidadas pelas

suas escolhas de vida amorosa e de prazeres. Assim como me ofende e ofende minha ideia de Deus imaginar que ele se importe com nosso uso (ou não) de preservativos.

Isa esquecer. Também me ofendem os programas noturnos de pastores evangélicos expulsando demônios. Por sorte, no mesmo horário, tem canais pornôs, que são muito ruins, mas menos ofensivos - desculpe, leitor, esse foi, de novo, o espírito de "Charlie".

---

**CONTARDO CALLIGARIS** é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## **Camarotização: por que o brasileiro gosta tanto de segregar o espaço? (MARINA ROSSI)**

**Para especialista, o acesso das camadas mais populares ao que antes era exclusivo da elite fez com que o racismo e discriminação "saíssem do armário"**



**Comércio nas ruas de Trancoso, Porto Seguro, Bahia.**

**CAMAROTIZAÇÃO.** A gourmetização do espaço. A palavra ganhou força na última semana depois de aparecer no tema da redação do vestibular da USP, o mais concorrido do país, mas já faz tempo que o camarote faz sucesso ao prometer fazer do cidadão um ser diferenciado – para usar uma palavra cara ao público adepto.

De comícios políticos à farra do Carnaval, quem está no camarote não quer ser qualquer um. Em Salvador, no maior carnaval do mundo, participa quem paga - e caro- para ter direito a uma camiseta estampada com diversos logos dos patrocinadores. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, para ter acesso aos espaços exclusivos no Carnaval é preciso desembolsar até mais de 1.000 reais. A promessa é viver a festa rodeado de celebridades rodeadas de jornalistas. Os famosos mais *trendy*, porém, ficam em um cercadinho ao qual quase ninguém tem acesso. É a camarotização do camarote.

O Carnaval foi um *start*, mas não está sozinho no movimento de camarotização do país. Um dos lugares que lideram o ranking dos mais camarotizados do Brasil também está na Bahia: Trancoso. Há 20 anos era uma praia de pescadores, semideserta, só alcançada por aventureiros (inclusive os endinheirados tradicionais) e hippies. Agora, nas palavras da jornalista e consultora de moda Gloria Kalil, no Réveillon, virou uma espécie de "Cannes tropical".

"Daqui a pouco, os moradores e antigos frequentadores só vão poder entrar no pedaço se estiverem com um vestido de marca, uma maquiagem de palco e um crachá que os autoriza a circular como no melhor estilo Festival de Cannes em dia de premiação final", disse Kalil, em sua coluna.

## O Brasil sempre foi avesso e segregado. Apesar de ter a ideologia da mistura, na verdade sempre foi o pior dos apartheids

A camarotização, neste caso na política - com seus cercadinhos em cerimônias oficiais e comemorações -, também horroriza Andrea Matarazzo (PSDB), vereador que carrega o sobrenome de uma família da alta sociedade paulistana. "Getúlio Vargas fazia sucesso porque andava no meio do povo", conta ele. "O Lula, idem", diz. "E eu adoraria ser o Lula".

### Acesso e renda

Mas, afinal, de festas a eventos públicos, por que o Brasil gosta tanto de segregar o espaço? Para Rosana Pinheiro-Machado, antropóloga e professora da Universidade de Oxford, a aversão à mistura é o resultado de anos de desigualdade social no país. "O que está por trás [da camarotização] é o desejo de distinção em uma sociedade colonizada como a nossa e marcada por uma grande estratificação social", diz.

"O Brasil sempre foi avesso e segregado. Apesar de ter a ideologia da mistura, na verdade sempre foi o pior dos apartheids", diz a antropóloga brasileira. Para ela, o acesso das camadas mais pobres da população ao que antes era exclusivo dos mais ricos potencializou a camarotização. "No Brasil pós-Lula, as pessoas das camadas mais populares estão acessando o que antes era exclusivo aos brancos de elite", conta. "Isso faz com que o racismo e a discriminação saiam do armário." Por outro lado, "é também um fenômeno de todas as classes. O cara mais rico de uma comunidade quer camarote também. Afinal, o modelo hegemônico de distinção é pervasivo, se espalha."

É nos aeroportos que esse desconforto com o acesso fica explícito, diz Pinheiro-Machado. Antes, andava de avião quem tinha muito dinheiro. Com a ascensão da classe média, os aeroportos estão mais cheios, e os mais ricos tiveram que se misturar aos mais pobres. As companhias aéreas logo correram para tentar reverter isso: "As companhias aéreas brasileiras, que nos últimos anos só tinham a classe econômica, agora voltam a ter assentos 'diferenciados', mais caros e com mais espaço", diz a professora. "O conforto, na verdade, é apenas uma desculpa para agradar o passageiro rico que não quer ter o desprazer de sentar ao lado de sua empregada doméstica", explica. "É uma forma sutil de segregação."

A fuga dessa segregação no avião se reflete em um dado econômico do país: o Brasil está em segundo no ranking das maiores frotas de jatinhos e helicópteros particulares do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Para usar um termo popular nos camarotes - se é que podemos usar as palavras popular e camarote na mesma frase -, o que "agrega valor", além de camarotizar, é exibir o ato, com ou sem pau de selfie. Cesar Giobbi, colunista social há décadas, culpa as redes sociais pelo exibicionismo adotado pela elite. "A indiscrição surgiu com a comunicação exacerbada", diz.

Para Giobbi, a camarotização é o primeiro indício de que o lugar está decadente. Primeiro, um lugar como Trancoso se populariza, então é preciso camarotizá-lo para não perder o elã diferenciador, mas aí ele já perdeu a graça para a primeira elite que o frequentava como exclusivo. "Quando chega nesse auge, em que o absurdo passa a ser incorporado, o lugar perde a graça", diz. "Sapato de salto Louboutin no Quadrado não precisa. Tudo tem lugar e hora", conta. Em tempo: "Quadrado" é o apelido usado pelos habitués de Trancoso, os de antes da camarotização, porque o local foi habitado inicialmente em torno de um gramado quadrado. Mas se há um movimento que camarotiza os lugares, também há o contrário a ele: a *pipocação*. No Carnaval, quando você está fora do cordão ou do camarote, você está 'na pipoca'.

E no embate camarotização x *pipocação*, às vezes os da pipoca parecem se divertir mais. Na corrida de São Silvestre, que ocorre há mais três décadas no último dia do ano em São Paulo, pode-se pagar pela inscrição - 135 reais - ou correr na pipoca. Os pró-segregação reclamam da "bagunça" e dizem: "paguei 135 reais e é essa zona", irritados. Enquanto isso, a maioria - inscrita ou não - se diverte. Fantasiados, eles vão ao longo trajeto de 15 quilômetros desfrutando da sensação de correr na Avenida Paulista - e não é fugindo da polícia em alguma manifestação - e de se sentir parte da cidade.

---

**MARINA ROSSI** é jornalista e escreve para esta publicação. **Jornal EL PAÍS Brasil, Janeiro de 2015.**

## Liberdade de expressão (IAN MCEWAN)

**CIDADES** globais como Paris, Londres ou Nova York, e seus entornos, possuem 10 milhões de pessoas ou mais em uma área menor que uma fazenda de criação de gado de tamanho médio nos EUA. Se os cidadãos fossem todos de uma só religião, uma só raça e uma só visão de mundo, a questão da liberdade de expressão nunca teria surgido.

Uma área reduzida de uma cidade pode conter todas as raças da Terra e todas as visões religiosas, políticas e existenciais imagináveis. Diariamente, a partir de seus templos, as religiões blasfemam umas às outras. Jesus é filho de Deus? Não se você é muçulmano. Maomé foi o último mensageiro de Deus na Terra? Não se você é cristão. O universo pode ser explicado ou explorado a partir de uma cosmologia sem deuses, baseada na física? Não se você é muçulmano ou cristão.

Quem vai garantir a paz? Não será a religião. A história europeia nos recorda que quando o cristianismo vivia sua pompa totalitária, anterior ao iluminismo, a intolerância das pequenas diferenças levou à barbárie e a massacres em escala chocante, como a Guerra dos Trinta Anos. O islã - do Paquistão à Arábia Saudita e outros países do Golfo Pérsico, da Indonésia e da Turquia ao Egito - vive sua versão própria de um momento totalitário. Diariamente lemos sobre casos de tortura, prisão e execução de muçulmanos que desejam deixar o islã ou discuti-lo.

No Paquistão, políticos usam as leis de blasfêmia como armas letais. Uma professora está presa no Egito há três anos por ter falado a seus alunos sobre outras religiões. Em todo o Oriente Médio, o cristianismo e o zoroastrismo estão sendo

expulsos dos lugares onde nasceram. Na Turquia, a liberdade de imprensa está sob ataque cerrado por parte de conservadores religiosos. Regimes árabes autoritários utilizam a sharia, a lei islâmica, como meio de reprimir a oposição política. Os grupos radicais Boko Haram e Estado Islâmico representam uma intensificação do que é praticado em certos Estados. Na Arábia Saudita, que abriga os santuários mais reverenciados do islã, o abandono da fé é punido com a pena de morte. A mais recente repressão à liberdade de expressão cometida naquele país - mil chicotadas e dez anos de prisão - mostra que o governo saudita denigre o islã como religião da paz. A sentença provocou reações de repulsa em todo o mundo, algumas delas manifestadas por muçulmanos. Nas cidades do Ocidente, com sua riqueza de raças e religiões, o único fiador da liberdade de religião e da tolerância é o Estado laico. Ele respeita todas as religiões e acredita em todas - ou em nenhuma.

A liberdade que permite aos jornalistas do semanário "Charlie Hebdo" criarem sua sátira é exatamente a mesma liberdade que permite aos muçulmanos na França seguirem sua religião e expressarem seus pontos de vista abertamente. Os devotos não podem ter as duas coisas. A livre expressão é dura, é barulhenta e, às vezes, fere, mas, quando tantas visões de mundo precisam conviver lado a lado, a única alternativa à livre expressão é a intimidação, a violência e o conflito acirrado entre comunidades. É impossível exagerar a importância da liberdade de expressão. Ela não é um simples luxo de jornalistas e escritores. Também não é um valor absoluto. Quando é reduzida (por exemplo, para limitar o alcance on-line de pedófilos), precisa ser por meio de leis, em conformidade com as instituições democráticas. Mas sem liberdade de expressão, a democracia é uma farsa. Todas as liberdades que gozamos ou desejamos gozar tiveram que ser pensadas e discutidas livremente e instituídas por escrito.

A liberdade de expressão - de dar e receber informações, de formular perguntas incômodas, de realizar pesquisas acadêmicas, de praticar a crítica, a fantasia, a sátira -, o intercâmbio de ideias em toda a gama de nossas capacidades intelectuais, é a liberdade que dá origem às outras. A livre expressão não é inimiga da religião, é sua protetora. Graças à sua existência há mesquitas às dezenas em Paris, Londres e Nova York. Em Riad, na Arábia Saudita, onde ela está ausente, não são permitidas igrejas. Hoje, quem importar uma Bíblia pode ser punido com a morte.

---

**IAN MCEWAN**, 66, escritor britânico, é autor de "Sábado", "Reparação" e "Na Praia" (todos pela Companhia das Letras), entre outros livros. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## **A felicidade de Margô (DRAUZIO VARELLA)**

Quando voltou para casa às quatro da madrugada, Margô estava feliz como quase nunca.

- Eu devia ter desconfiado. Felicidade, assim, na minha vida?

Nascida na periferia de Feira de Santana, havia experimentado com a mãe e os quatro irmãos as agruras da penúria, desde que o pai decidiu tentar a sorte em Serra Pelada e sabe lá em quantos garimpos do Norte. Aos oito anos, conseguiu emprego de doméstica. Na casa dos patrões varria, tirava pó, arrumava as camas, lavava os banheiros e o quintal.

- Se a patroa passasse a mão numa prateleira e encontrasse um cisco ia me buscar pela orelha. Quando completou 15 anos, um vizinho a surpreendeu com a boca no sexo de um rapaz das redondezas. A vida virou um inferno:

- Debochavam e me xingavam na rua. A molecada me passava a mão na bunda e corria. Intimidada, trancou-se em casa, mas quando saía para o trabalho não escapava das agressões, que suportava calada. Na tarde em que xingou a mãe de três marmanjos que a humilharam quando passou na frente de um botequim, apanhou até ficar com o rosto deformado.

O episódio causou tamanha revolta em seu espírito, que resolveu andar com uma faca de cozinha no cinto. Duas semanas mais tarde, viu dois dos agressores na porta do mesmo bar. Mudou de calçada, mas eles atravessaram a rua, queriam saber se a putinha não tinha ficado feliz com os carinhos recebidos. De cabeça baixa, ela tentou seguir em frente, mas eles impediram. O mais magro caiu na primeira facada, o outro ainda quis reagir antes de levar a segunda.

Margô fugiu para Salvador, atrás da boate em que trabalhava uma amiga de infância, a única pessoa que conhecia na capital. Em Salvador, as duas foram presas por assaltar clientes que atraíam para as espeluncas mais sórdidas da cidade baixa. Passou dois anos e oito meses em celas apinhadas. Seis meses mais tarde, estava presa outra vez. Pegou três anos. Libertada, veio para São Paulo.

- Tinha que mudar, vivia metida em confusão. Não levava desaforo para casa. A polícia não largava do meu pé. Na cidade grande, começou a vida na prostituição de rua. Não lhe faltavam clientes. Morava com quatro colegas de trabalho, num prédio decadente na esquina da General Osório com Santa Ifigênia, no coração da antiga Boca do Lixo. Passou mais uma temporada na cadeia. Quando saiu, jurou que nunca mais voltaria para trás das grades.

Amparada pelos dotes físicos, pôde frequentar um inferninho nas imediações da Augusta. Com o acesso à clientela mais endinheirada, alugou uma quitinete para ficar distante das fofocas e das contravenções das companheiras de moradia. Uma noite, o dono da boate lhe fez uma oferta:

- Você é a única da casa que não usa cocaína. Trabalha aqui há dois anos e nunca deu alteração. Estou precisando de ajuda. Margô quase caiu de costas quando recebeu o convite para gerenciar a casa. Aos 35 anos, teria carteira assinada e um salário quase igual ao da prostituição. No primeiro dia colocou o vestido mais festivo e chegou na boate bem antes de abrir. Recebeu as orientações do patrão e uma mesa no escritório dos fundos.

- Uma mesa cheia de gavetas só para mim. Estava radiante no caminho de casa às quatro da madrugada daquele dia. Empolgada com o trabalho, só lembrou da fome quando passou pelo bar da esquina de casa. Sentou num banquinho do fundo do balcão e pediu peito de frango grelhado, com arroz e salada de tomate, o prato predileto. Nessa hora entrou Bentão, ex-policia que extorquia os comerciantes da área. Com andar de bêbado, veio na direção dela:

- Onde pensa que vai o veado com esse vestido de lantejoulas? Margô abaixou a cabeça, brigar naquela noite era o que menos desejava. O brutamontes insistiu:

- Não vou com a tua cara, seu traveco de merda. Ela continuava cabisbaixa quando levou o soco que lhe abriu o supercílio. Sangrando, correu para a quitinete, sentou na cama e chorou feito criança.

- Logo quando eu estava feliz. Tinha um lenço amarrado na testa quando voltou ao bar. Entretido com o copo de conhaque, o ex-policia só se deu conta da aproximação quando o punhal lhe penetrou as costas pela primeira vez.

---

**DRAUZIO VARELLA** é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## **As matérias-primas da riqueza (HELENA NADER)**

**O BRASIL** quer ser um eterno emergente ou chegar logo à condição de país desenvolvido? A questão é importante, especialmente em um momento em que o governo federal faz cortes profundos nos orçamentos dos ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Reconhecemos a necessidade de ajustes nas contas federais, mas reduzir investimentos em educação e ciência é como dar um tiro no próprio pé: dói no presente, imobiliza-nos por um bom tempo e atrasa ainda mais a caminhada para o futuro. Os países emergentes que investiram para valer em educação e em ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) já implantaram uma economia moderna e atingiram elevados índices de qualidade de vida. São países que podemos chamar de "emergentes empreendedores". Há algumas décadas tinham condições semelhantes às do Brasil e hoje estão quilômetros à nossa frente.

O Brasil vem fazendo importantes esforços tanto em educação como em C,T&I. Chegamos muito perto da universalização do acesso ao ensino fundamental e conseguimos aumentar o número de ingressantes em todos os níveis de ensino. No campo da produção científica, o Brasil ocupa uma posição de relativo destaque. Vistos no âmbito interno, essas conquistas são eloquentes e expressam o resultado de corretas políticas implementadas nos últimos governos. Observadas, porém, em escala global, são conquistas que ainda nos deixam em posições até mesmo sofríveis diante dos emergentes empreendedores ou de países com economia e potencial muito inferiores aos nossos.

No Programa para Avaliação Internacional de Alunos, da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), entre 65 países o Brasil ocupa a 58ª posição (Cingapura, 2ª; Estônia, 11ª). No ranking do Fórum Econômico Mundial, quesito "qualidade da educação primária", aparecemos no 126º lugar entre 144 países (Finlândia, 1º; Barbados, 5º). No ranking de inovação da Organização Mundial de Propriedade Intelectual, o Brasil ocupa a 61ª posição (Finlândia, 4ª; Malta, 25ª).

Segundo dados da Conference Board, em matéria de produtividade estamos em 15º lugar na América Latina. No Índice de Competitividade Global do Fórum Econômico Mundial, o Brasil está em 57º lugar (Cingapura em 2º; Emirados Árabes em 12º). Esse fraco desempenho é explicado, em boa medida, pela baixa qualidade da nossa educação. Estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento mostra que a média de tempo na escola dos brasileiros com 15 anos de idade ou mais saltou de 2,8 para 7,5 anos de 1970 a 2012 - aumento de 267%. No mesmo período, a produtividade da força de trabalho no Brasil, por trabalhador, passou de US\$ 12.200 para US\$ 20 mil - crescimento de 64%. A elevada diferença de percentuais revela que o problema reside não mais na oferta de ensino, mas na sua qualidade. A expectativa, portanto, é que o governo cumpra as metas do Plano Nacional de Educação, o que inclui chegar a 2020 com 10% do PIB para o setor.

Para a área de C,T&I, há as recomendações da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Concluída em maio de 2010, a conferência propõe que o investimento total em pesquisa e desenvolvimento alcance, em 2020, entre 2% e 2,5% do PIB. Estamos em 1,2%. E por que aumentar os investimentos em pesquisa e desenvolvimento em tempos de redução de gastos? Porque esses investimentos significam ao país tornar sua economia inovadora, aumentar a - hoje acanhada - produção de bens com alto valor agregado e ganhar competitividade no mercado global.

O governo federal precisa considerar que educação de qualidade e C,T&I são investimentos, não despesas. Tornaram-se, na verdade, as principais matérias-primas da riqueza e do desenvolvimento sustentado.

---

**HELENA NADER**, biomédica, é professora titular da Unifesp, membro da Academia Brasileira de Ciências e presidente da SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Janeiro de 2015.**

## Uma doutrina em questão (SÍLVIO CACCIA BAVA)

O desafio é recuperar a capacidade do Estado de ter um papel estratégico na definição e controle das políticas públicas geridas pelo setor privado. Trata-se de buscar uma nova equação entre os interesses da cidadania e os interesses privados, na defesa do interesse público



**NOS ANOS 1990**, as instituições internacionais formuladoras de políticas globais – como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Banco Mundial e a Comissão Europeia – iniciaram uma ofensiva para privatizar bens públicos e submeter a ação do Estado e as políticas públicas aos interesses das empresas privadas. Secundada por organismos internacionais como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e algumas universidades como a London School of Economics, na Inglaterra, e a Harvard Kennedy School of Government, nos Estados Unidos, essa doutrina está altamente difundida, sendo também amplamente propagada por revistas especializadas e pelos grandes órgãos de imprensa.<sup>1</sup>

A ofensiva neoliberal percorreu um caminho até se tornar hegemônica. Segundo Pierre Bourdieu, suas ideias são compostas de “lugares-comuns – no sentido aristotélico das noções ou teses com as quais se argumenta, mas sobre as quais não se argumenta nunca – e devem o essencial de sua força de convicção ao prestígio do lugar do qual emanam e ao fato de que, circulando intensamente, de Berlim a Buenos Aires e de Londres a Lisboa, estão presentes simultaneamente por todos os lados”.<sup>2</sup> Os argumentos básicos dessa doutrina são de que o Estado deve ser mínimo, deixando para a empresa privada a gestão das políticas públicas, que seria comprovadamente mais eficiente e eficaz quando realizada por empresas e seguindo as leis do mercado. Outro argumento, complementar, é a necessidade de fazer caixa diante dos déficits no orçamento do Estado. A teoria da *new public management* condensa essa doutrina e vem coagindo governos a adotar “métodos e técnicas gerenciais advindos do setor privado e, sobretudo, a conceder, contratualizar e terceirizar serviços e responsabilidades a empresários e a agentes tidos como ‘privados sem fins lucrativos’ (ou ‘públicos não estatais’)”.<sup>3</sup> O impacto dessa doutrina no Brasil é enorme. Apesar das denúncias de subvalorização do patrimônio público, apenas em 1997 a venda de empresas estatais totalizou US\$ 23,7 bilhões.<sup>4</sup> Responsável pela formulação da reforma do Estado, o ministro de FHC, Luiz Carlos Bresser Pereira, considera que somente a segurança pública e a formulação das

políticas públicas devem permanecer como responsabilidade direta do Estado. Tudo o mais, como a prestação dos serviços de saúde, educação, desenvolvimento científico e tecnológico, serviços culturais etc., seria mais bem administrado por empresas privadas.<sup>5</sup>

Como? Promovendo a transformação de empresas estatais em privadas; a publicização de organizações estatais, convertendo-as em instituições de direito privado, públicas, mas não estatais (Organizações Sociais – OSs); a terceirização, com a transferência para o setor privado de serviços auxiliares ou de apoio antes executados diretamente pelo Estado. Mais do que isso, porém, é central nessas propostas de mudança do papel do Estado que este passe a adotar critérios de mercado para a formulação e aplicação de políticas públicas. A eficiência e eficácia são brandidas em defesa das empresas privadas, que seriam muito mais efetivas que as instituições públicas.

Não importa se o que se afirma é verdade. O que importa é que a afirmação legitima uma política que é, de fato, uma expropriação da comunidade de uma parte de seus bens. Segundo Ugo Mattei, toda privatização decidida por uma autoridade pública priva cada cidadão de sua quota-parte de um bem comum. Como consequência, “a expropriação dos bens comuns em favor de interesses privados – das multinacionais, por exemplo – coloca os governos em uma condição de fraqueza e dependência com relação a essas empresas, que passam a ditar as condições de consumo e exploração desses serviços. A situação gerada pelas privatizações na Grécia e na Irlanda é particularmente emblemática dessa nova condição”.<sup>6</sup> Mesmo o argumento da maior eficácia do setor privado na gestão de serviços públicos é contestado por recente pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que afirma que a produtividade do setor público é maior que a do setor privado. Segundo Marcio Pochmann, então presidente do instituto, “há muita ideologia e poucos dados na argumentação de que o Estado é improdutivo. O estudo realizado abrangeu o período de 1995 a 2006, e em todos os anos pesquisados a produtividade do setor público foi superior em 35% à do setor privado”.<sup>7</sup>

O fato é que a desestatização aconteceu no Brasil e modificou substancialmente a economia e o papel do Estado. “Conceitos como concessão, regulação e parcerias público-privadas concretizam um novo modelo de Estado, baseado em relações contratuais com o setor privado e responsável por definir objetivos de políticas públicas a serem colocadas em prática com a parceria do setor privado. Simultaneamente esse mesmo movimento se faz presente na relação do Estado com o terceiro setor. Conceitos como Organizações Sociais, Oscips [Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público], Serviços Sociais Autônomos e outros materializam uma série de relações público-privadas em áreas como saúde, educação e cultura...”<sup>8</sup> As consequências são desastrosas do ponto de vista do interesse público. Tomando o caso da prefeitura de São Paulo nas gestões de José Serra e Gilberto Kassab, as concessões, a terceirização e contratualização via OSs e Oscips na área de saúde pulverizaram de tal forma o atendimento que o poder público se viu fragilizado e esvaziado, tornando-se um mero espectador da gestão dos serviços médicos públicos.<sup>9</sup>

O desafio, partindo dessa realidade, é recuperar a capacidade do Estado de ter um papel estratégico na definição e controle das políticas públicas geridas pelo setor privado. Trata-se de buscar uma nova equação entre os interesses da cidadania e os interesses privados, na defesa do interesse público. Para isso o Estado precisa assumir o protagonismo, qualificar os funcionários públicos e desenvolver suas capacidades de planejamento e mecanismos efetivos de regulação e controle que garantam políticas voltadas ao interesse coletivo. No entanto, como a questão do papel do Estado e do modelo de gestão é política e não técnica, a democratização da gestão pública é o único caminho para enfrentar os interesses privatistas e equilibrar essa relação entre os distintos atores, assegurando que no centro das decisões esteja a participação cidadã e mecanismos para o controle social das políticas públicas.

Se considerarmos que acima de tudo está o bem-estar dos cidadãos, a atuação do setor privado na gestão pública precisa se submeter a esse objetivo e se limitar a áreas específicas. Há políticas públicas em que a administração por empresas privadas é incompatível com o interesse público, como afirma a prefeitura de Paris ao retomar a gestão direta do fornecimento de água na cidade, retirando-a das mãos das multinacionais que antes a geriam.

**1** Silvio Caccia Bava, “A produção da agenda social: uma discussão sobre contextos e conceitos”, *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v.31, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2003.

**2** Pierre Bourdieu, “Una nueva vulgata planetaria”, *Santiago do Chile, Editorial Aun creemos en los sueños*, 2002, p.42.

**3** Francisco Fonseca, “A privatização da gestão pública”, 8 jun. 2013. Disponível em: [cartamaior.com.br](http://cartamaior.com.br).

**4** Cristina Andrews e Alexander Kouzminli, “O discurso da nova administração pública”, *Lua Nova*, São Paulo, n.45, 1998.

**5** Bresser Pereira, “A reforma do Estado dos anos 90: lógica e mecanismos de controle”, *Cadernos MARE da Reforma do Estado*, 1997, p.16.

**6** Ugo Mattei, “Por uma Constituição baseada nos bens comuns”, *Le Monde Diplomatique Brasil*, dez. 2011.

**7** Marcio Pochmann, “Produtividade no setor público supera a do setor privado”, 25 ago. 2009. Disponível em: [cartamaior.com.br](http://cartamaior.com.br).

**8** Octavio Penna Pieranti, Silvia Rodrigues e Alketa Peci, “Governança e *new public management*: convergências e contradições no contexto brasileiro”, XXXI Encontro da Anpad, Rio de Janeiro, 2007.

**9** Francisco Fonseca, op. Cit.

---

**SÍLVIO CACCIA BAVA** é Diretor e editor-chefe do *Le Monde Diplomatique Brasil*. **Jornal LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL**, Janeiro de 2015.

## Desnorteio – uma impressão sobre o livro de Paula Fábrio (MÁRCIA TIBURI)

**DESNORTEIO** de Paula Fábrio (Editora Patuá, 2012) ganhou o Prêmio São Paulo de 2013 na categoria autor estreante, mas só nessa virada de ano é que consegui lê-lo. Fiquei aqui pensando nos momentos que nos fazem ler os livros, por que deixamos para depois coisas que deveríamos ter feito logo, de uma vez, pelo simples fato de que nos dariam muito prazer... Eis que viver a vida é, de um modo ou de outro, perder tempo. A questão é a qualidade do tempo que se perde, com que se perde. Se o perdemos para a nossa felicidade ou infelicidade. Mas isso não é a questão agora. Eu, por exemplo, sou sempre mais feliz se perco meu tempo lendo.

O livro começa com um capítulo na forma de "Balancete". Trata-se de uma reflexão que pede que leiamos em voz alta, bem lentamente, com as pausas necessárias. Os termos são: "Um dia a menos. Outro dia a menos. Um dia a menos. Outro dia a menos. Tudo o que se viveu. O tempo que nos resta. Ninguém faz essa conta aos quinze anos. Será que nos abandonamos à loucura num momento de contabilidade?"

Aqui eu parei por semanas na minha primeira tentativa de ler **Desnorteio** porque entrei no clima da contabilidade. Parei porque parar era preciso. Parar para pensar. Um dia a menos para ler o livro, por causa do próprio livro. Por conta da impressão, em sua múltipla funcionalidade, da capacidade do livro de enviar para dentro e para fora dele, de posicionar os fantasmas do seu mundo que vieram habitar meu próprio mundo. Contabilizei tudo. Voltei dias depois e avancei as cento e quarenta páginas restantes. Então, voltando a lê-lo eu vi seus seres oprimidos, tanto quanto seus espíritos livres. Eu vi esses seres que impressionados, habitam os livros.



Esculturas de Manfred Kielnhofer

### Impressão de leitura

O livro de Paula Fábrio tem muitas qualidades. A principal delas é o teor da prosa escrita de modo a dar espaço para a imaginação do leitor. A própria autora declara que a história do livro foi chegando "devagarzinho, em fragmentos, lembranças entrecortadas". Não se trata, segundo ela, de escrever fatos, mas "impressões".

O alcance do termo "impressão" é aqui a chave de leitura do livro. O livro que leio, o livro que me faz lê-lo até o fim não é um livro qualquer, embora possa ser qualquer livro. Mas o livro, qualquer um, aquele que me pega pela impressão, é o livro que se me imprime. Nesse caso, o livro é um impresso, o livro impressiona, o livro nasce de impressões. O livro de seres impressionados se imprime em mim, leitor qualquer que, feito um muro, se abre para uma demão de tinta bem comportada, um afresco, ou uma pichação.

Hoje em dia, nem todo livro é impresso. Nem todo livro impressiona. Nem todo livro nasce de impressões. É isso que me faz pensar o livro de Paula Fábrio. *Desnorsteio* é indelével, é o livro que cola em mim quando abro para ler, isso quer dizer, ele me agarra, não posso me livrar dele. Não quero me livrar dele, porque ele me impressiona. Eu gostaria de lê-lo de novo, porque ele me faz imaginar coisas, ele me tira do sério como uma parede que foi riscada por uma criança.

### **Imaginação, essa faculdade maltratada**

Nascido de um convívio com as imagens fantasmas que povoam a imaginação, **Desnorsteio** explica seu poder de impressionar impressionando. Ele faz saber que a imaginação é a faculdade mental mais maltratada em nossa época. Ora, sabemos que a imaginação é a faculdade sem a qual não há inteligência real. O estado mental fascista de nossa época se deve em grande medida à morte da imaginação. Pensemos nisso. A uma estética que generaliza o fim das sombras da arte, o fim dos intervalos abertos nas obras, em nome de roteiros facilitadores que nos privam de nossa capacidade de imaginar sem a qual a inteligência (cujo coração é a criação) morre antes de nascer.

Me deixo levar pela impressão do livro para escrever essas linhas, tendo a impressão de que também conheci os irmãos Oliveira, protagonistas da história e que as múltiplas vozes do livro falam comigo. E que eu falaria com Paula Fábrio tendo em vista que sua "história sobre homens nus", esses mendigos, esses loucos, é a história que nos faltava.



**Esculturas de Manfred Kielnhofer**

---

**MÁRCIA TIBURI** é graduada em filosofia e artes e mestre e doutora em filosofia. É professora do programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie e colunista da revista *Cult*. Publicou diversos livros de filosofia, entre eles "As Mulheres e a Filosofia" (Ed. Unisinos, 2002), "Filosofia Pop" (Ed. Bregantini, 2011) e *Sociedade Fissurada* (Record, 2013). Publicou também romances: *Magnólia* (2005), *A Mulher de Costas* (2006) e *O Manto* (2009), *Era meu esse Rosto* (Record, 2012). É autora ainda dos livros *Diálogo/desenho*, *Diálogo/dança*, *Diálogo/Fotografia* e *Diálogo/Cinema* (ed. SENAC-SP). **Revista CULT, Janeiro de 2015.**